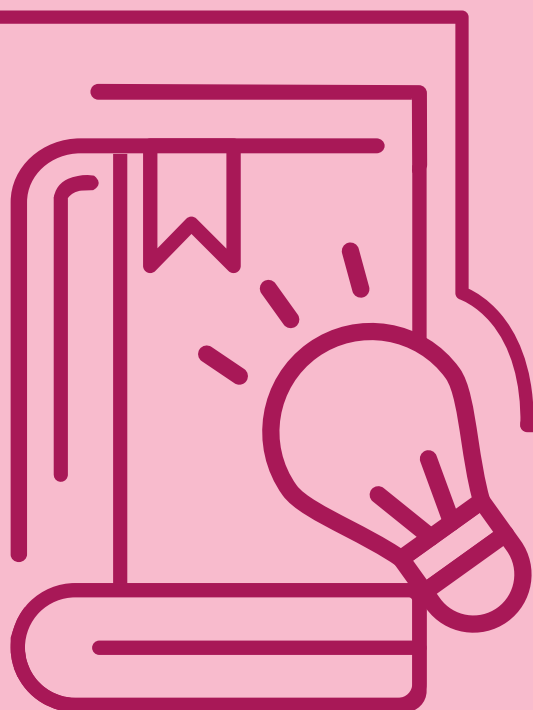




e-GELP

Boletim eletrônico do
Grupo de Estudos em
Língua Portuguesa

Nº 4 • SETEMBRO 2026



UNITAU
Universidade de Taubaté



EXPEDIENTE

edUNITAU - Editora da Universidade de Taubaté

Presidente

| Pró-reitora de Extensão: Profa. Dra. Alexandra Magna Rodrigues

Conselho Editorial

| Assessor de Difusão Cultural: Prof. Dr. Mauro Castilho Gonçalves
| Coordenadora do Sistema Integrado de Bibliotecas: Shirlei de Moura Righeti
| Representante da Pró-reitoria de Graduação: Profa. Dra. Emari Andrade
| Representante da Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-graduação: Profa. Dra. Monica Franchi Carniello
| Área de Biociências: Profa. Dra. Eliane Stevanato
| Área de Exatas: Profa. Dra. Kátia Celina da Silva Richetto
| Área de Humanas: Prof. Dr. Fernando Gentil Gizzi de Almeida Pedroso

Consultoria Ad hoc (link equipe consultores) ↩

| Representante: Profa. Dra. Adriana Leônidas de Oliveira (Universidade de Taubaté)

Equipe Técnica

| Coordenador de Produção Editorial: Alessandro Squarcini
| Grupo de Estudos em Língua Portuguesa – GELP
| Sistema Integrado de Bibliotecas - SIBI

Avaliação, parecer e revisão por pares

| Esta obra foi avaliada por pares e indicada para publicação

Projeto Gráfico

| Capa: Eliza Toledo Marcondes
| Diagramação: Eliza Toledo Marcondes
| Revisão: GELP
| Impressão: Eletrônica - E-book

Sistema Integrado de Bibliotecas - SIBi/ UNITAU Grupo Especial de Tratamento da Informação – GETI

E111 e-GELP: boletim eletrônico do GELP [recurso eletrônico] /
organizadores Emari Andrade, Gisele Maria Souza Barachati,
Matheus Gabriel de C. F. Oliveira et al. Dados eletrônicos. – Taubaté:
EdUnitau, 2026.
1 recurso online (28 p.). – (Boletim Eletrônico do GELP; v. 4).

Formato: PDF
Requisitos do sistema: Adobe
Modo de acesso: world wide web

1. Leitura. 2. Escrita. 3. Gramática normativa. 4. Letramento. I.
Andrade, Emari (org.). II. Gonçalves, João Victor Faria (org.). III.
Silva, Ruan da (org.). IV. Título. V. Série.

CDD – 372.4

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Ana Beatriz Ramos – CRB-8/6318

Índice para Catálogo sistemático

Leitura – 372.4

Escrita – 808

Gramática normativa – 469.5

Letramento – 372.6

Copyright © by Editora da UNITAU, 2026

Nenhuma parte desta publicação pode ser gravada, armazenada em sistema eletrônico, fotocopiada, reproduzida por meios mecânicos ou outros quaisquer sem autorização prévia do editor.

Editora afiliada:





EXPEDIENTE

GELP - Grupo de Estudos em Língua Portuguesa

Direção do Instituto Básico de Humanidades (IBH):

| Prof. Dr. César Augusto Eugênio

Edição e Coordenação do Grupo de Estudos em Língua Portuguesa (GELP):

| Profa. Dra. Emari Andrade

Professores do GELP:

| Profa. Ma. Alessandra Gomes da Silva

| Profa. Dra. Emari Andrade

| Profa. Ma. Gisele Maria Souza Barachati

| Profa. Ma. Isabel Rosângela dos Santos Amaral

| Prof. Me. Matheus Gabriel de Castro Freire Oliveira

| Prof. Me. Renato França

Articulistas desta edição:

| Profa. Dra. Emari Andrade

| João Victor Faria Gonçalves

| Ruan da Silva

Gramática normativa, é preciso estudá-la na universidade?

Com os diversos avanços da Linguística, muitas vezes tem-se colocado em xeque a real importância ou necessidade de, nos dias de hoje, ainda se aprender a gramática normativa. Gramáticos mais tradicionalistas apontarão que a razão seria para que a língua tenha uma lógica rigorosa e regras sólidas para existir. Entretanto, se nossa língua hoje é tão multifacetada, ampla e variada, de tal maneira que são múltiplos os dialetos e os regionalismos, por que estudar o que ela tem de mais imóvel, isto é, seu cânone? Sem enrolação, vamos para os nossos dois motivos:

O primeiro motivo é que, àqueles que quiserem lecionar, ou seja, ministrar aulas de língua portuguesa nas escolas, é à norma culta que devem atender. O ensino da gramática normativa irá conferir aos alunos a base a partir da qual eles poderão comunicar-se. Além disso, é direito do aluno aprender todas as variedades da língua, inclusive a vertente normativa. O professor de português, portanto, tem como obrigação não apenas o manejo da linguagem informal, mas também da linguagem formal, para ensinar aos alunos e os orientar em suas dúvidas e dificuldades. É fundamental, então, esse domínio da língua, não só em uma como também em todas as suas outras faces.

O segundo motivo para o aprendizado da norma padrão versa sobre Literatura e o que conhecemos como o cânone literário. Machado de Assis; Raul Pompeia; Graciliano Ramos; Eça de Queiroz, como vamos conseguir entender suas obras, muitas vezes difíceis, sem auxílio da gramática normativa? Com autores internacionais, mesma coisa. A literatura traz em si uma riqueza enorme de vocabulário e de sintaxe; de encadeamentos e de paralelismos engenhosos. No entanto, caso não entendamos certos princípios da gramática normativa, também ficaremos mancos de compreender e de vislumbrar a beleza sutil que é a linguagem literária.

Poderia, aqui, ainda elencar razões mais utilitárias (não menos importantes), como passar em um concurso, fazer uma entrevista de emprego etc. Mas, quem sabe seja assunto para outro texto.

Por essas razões é que apresentamos, neste volume do e-GELP, uma série de pequenos textos relacionados à gramática normativa, com o intuito de facilitar o seu aprendizado. Se gostou, comente e compartilhe!

Boa leitura! 



ÍNDICE

- | | |
|----|---------------------------------------|
| 06 | ONDE OU AONDE? |
| 07 | ONDE COMO PRONOME EXCLUSIVO DE LUGAR |
| 08 | HAVER OU A VER? |
| 09 | SENÃO OU SE NÃO? |
| 10 | MAIS OU MAS? |
| 11 | A FIM OU AFIM - JUNTO OU SEPARADO? |
| 12 | NEM UMA E NENHUMA |
| 13 | À VISTA E A PRAZO |
| 14 | PORQUE - POR QUE - O PORQUÊ - POR QUÊ |
| 15 | DEMAIS E DE MAIS |
| 16 | HAVER COMO IMPESSOAL |
| 17 | TRÁS, TRAZ E ATRÁS |
| 18 | VIR/ VER |
| 19 | MENOS/MENAS |
| 20 | DUZENTOS GRAMAS |
| 21 | MEIO DIA E MEIO/MEIA |
| 22 | USO DO PARTICÍPIO PEGUEI E PEGADO |
| 23 | EU E MIM |
| 24 | AO ENCONTRO DE/DE ENCONTRO A |
| 25 | MAU OU MAL? |
| 26 | INTERVEIO OU INTERVIU? |

ONDE OU AONDE?



Você já precisou dizer ou escrever algo como: “onde você está?” E ficou se perguntando: “devo usar onde ou aonde?” Então, se esse é o seu caso, preste atenção nesta dica:



“Onde” (sem o a) é usado quando a ideia é de permanência, de estar em algum lugar.

Por exemplo:



“Onde você está?”



“Onde fica o livro?”

Ou seja, é usado para falar de algo parado, fixo.

Já aonde tem a ver com movimento, com deslocamento, e só funciona com verbos que indicam isso, como ir, chegar, voltar, ou seja, verbos que exigem a preposição “a”, já que aonde é a junção da preposição “a” com o pronome relativo “onde”. Por exemplo:



“Aonde você quer chegar com isso?”

“Aonde você vai?”

ONDE COMO PRONOME EXCLUSIVO DE LUGAR



Uma dica muito importante da língua portuguesa e que, muitas vezes, nós erramos: trata-se do uso da palavra “onde”. Diferente de da dica anterior, que tratava da diferença entre onde e aonde, agora, vamos apontar para uma outra direção, em que nós posicionamos o pronome “onde” de um modo incorreto. Mas quando é que fazemos isso? Simples: sempre que nós usamos esse pronome para qualquer outro caso a não ser o caso de lugar. Notemos:



“A casa onde nós moramos”.

“A cidade onde cresceram”.

“O local onde foi feita a cerimônia”.

Em todos esses exemplos, o “onde” indica um lugar. Agora, vamos ver esses outros:



“A situação onde me colocaram”.

“O momento onde me formei”.

“A ideia onde me sentia bem”.

Nesses exemplos, o uso do pronome relativo “onde” está incorreto, porque “ocasião”, “momento” e “ideia” não indicam lugares, mas circunstância, tempo ou pensamento, enquanto que o pronome onde só pode ser usado quando este retoma um lugar físico, como país, estado, casa, parque, rua, piscina, prédio etc.



Nesses casos, procure substituir o pronome onde por “em que”, “na qual”, “no qual”.

“A situação em que me colocaram”

“O momento no qual / quando me formei.”

HAVER OU A VER?



Quando escrevemos haver junto, estamos nos referindo a um verbo, que é o próprio verbo haver, e que pode expressar:

Tempo decorrido



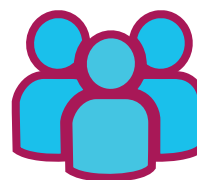
“Há dez anos”

Vontade



“Ela há de conseguir o emprego”

Verbo existir



“Há muitas pessoas naquele evento”

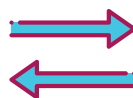
Já a ver, separado, é uma locução que indica a relação de proximidade de uma coisa com a outra, isto é, uma semelhança entre elas, exemplo:



“Essa pergunta tem a ver com o assunto da aula.”

O tem a ver liga a pergunta feita pelo aluno com o tema da aula, demonstrando coerência entre essas duas ideias.

Também pode se dar o inverso, em que a relação de sentido entre as duas ideias é de contradição, e não semelhança. Exemplo:



“A pergunta do aluno não tem a ver com o assunto da aula”

SENÃO OU SE NÃO?



“Se Não”: junto ou separado?

Senão, quando escrito junto, é uma conjunção adversativa. Isso significa que ela pode ser trocada por cada uma das outras, como por exemplo: “Mas”, “porém”, ou também pode significar “exceto”. Alguns exemplos:

“Não volto na quinta-feira, senão na terça.”

Isto é: **“Não volto na quinta-feira, mas na terça.”**

“Não serviu o jantar senão quando sentaram-se à mesa.”

Isto é: **“Não serviu o jantar exceto quando sentaram-se à mesa.”**

“Não foi à festa, senão dormiu.”

Isto é: **“Não foi à festa, porém dormiu.”**

Já se não, escrito separadamente, é uma locução conjuntiva que exprime uma condição, e pode ser trocada por “caso não”. Exemplo:

“Se não voltar na terça-feira, vou voltar na quinta-feira.”

Ou seja: **“Caso não volte na terça-feira, vou voltar na quinta-feira.”**

“Se não dormir, vai à festa.”

Ou seja: **“Caso não durma, vai à festa.”**

“Se não estudar muito, não passará na prova”.

Ou seja: **“Caso não estude muito, não passará na prova.”**

MAIS OU MAS?



Vamos começar com o mais: mais, com “i”, indica quantidade. Então vamos dizer:



“Ele tem mais de 18 anos.”

“Ela era a mais esperta da turma.”

“Havia aqui mais aviões do que pensávamos.”



Repare que o mais com i poderá sempre ser substituído por seu oposto “menos”, ou seja, ele tem menos de 18 anos, ela era a menos esperta da turma, havia aqui menos aviões do que pensávamos.

Já o mas sem i é uma conjunção. No caso do mas, sem i, essa conjunção vai ligar frases opondo-as entre si, ou seja, vai ter aqui uma relação de contradição. Vamos a um exemplo:



O que é uma conjunção?

A conjunção é uma coisa que liga frases.

João joga bem futebol. Esta é uma oração. João tem dores fortes no joelho. Esta é outra oração. O que o mas, sem o i, faz? Ele junta uma oração à outra, formando apenas uma oração, e então nós teremos:

“João joga bem futebol, mas tem dores fortes no joelho.”

Esse mas aqui dá ideia de contradição. É como quem diz:

“João joga bem futebol, ainda que as dores no joelho o atrapalhem.”

O mas poderá ser substituído por “contudo”, “entretanto”, “no entanto”, “todavia”, “porém” etc., ou seja, as demais conjunções de adversidade, as conjunções adversativas.

A FIM OU AFIM – JUNTO OU SEPARADO?



A fim ou Afim – junto ou separado?

A fim, ou a fim de, escrito separado, é uma locução prepositiva que exprime finalidade, intenção; indica uma vontade que se queira realizar.

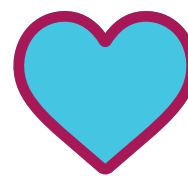
Exemplo:



“Estou a fim de ir a um restaurante.”



“Ele saiu de casa a fim de se distrair.”



“Maria está a fim de João.”

Já afim junto é um adjetivo que tem o mesmo sentido da palavra semelhante ou próximo, ou seja:



“Eles têm gostos afins.”



“Os garotos tiraram notas afins.”



“Eles comungam de valores afins.”

NEM UMA E NENHUMA



A confusão entre nem uma e nenhuma acontece porque não existe muita diferença entre a palavra e a expressão.

O pronome “nenhum”, escrito junto, significa “aquilo que é inexistente, que não há”. Por ser um pronome, é uma palavra que reforça a ideia de inexistência de ser alguma coisa.



São casos que poderiam ser substituídos por outros pronomes para passar a ideia contrária, como “algum” ou “todo”.

Veja: **“Nenhum comentário deveria ser ignorado.”**

Que é o inverso de **“Todo comentário deveria ser ignorado.”**

A expressão “nem um”, com duas palavras, reforça a ideia de negação do número “um”, como em **“nem mesmo um”, “nem um sequer”.**



O numeral “um” pode concordar em gênero com o termo seguinte, podendo estar no feminino (“nem uma”). Observe: nem um, nem dois comentários deveriam ser ignorados.

À VISTA E A PRAZO



À vista e a prazo: você já deve ter se perguntado se alguma dessas locuções recebem ou não o acento indicativo de crase, não é? Então vamos esclarecer de uma vez.

Tanto “À vista” como “A prazo” são locuções adverbiais de modo. Na nossa língua, é tradicional que esse tipo de locução admita o acento grave, ou seja, de crase.



No entanto, há um porém: não pode existir acento indicativo de crase depois de palavras ou locuções masculinas, porque não teremos o artigo “a” feminino para fundir-se com a preposição “a”.

As locuções adverbiais que admitem o acento grave, portanto, são somente as locuções adverbiais femininas, como à mão, à pressa, à vela, à espada, à toa, à navalha. Locuções masculinas como “A prazo”, “a lápis”, “a gosto”, “a caminho”, “a cavalo” nunca serão contempladas com o acento indicativo de crase.

PORQUE - POR QUE O PORQUÊ - POR QUÊ



Para cada porquê, uma explicação. O tema não é algo simples, até porque, na fala, parece que todos os usos são iguais. Então, de fato, é difícil você aprender a usar corretamente todos esses “porquês” apenas decorando regrinhas. Ainda que haja macetes, há muitíssimas exceções.

Vamos começar com o o “porque” junto e sem acento. Em síntese, esse “porque” é utilizado para fazer respostas, exemplo:

“Ele estudou porque queria aprender.”

“Ela foi ao médico, porque estava doente.”

“Tirou a nota máxima porque se esforçou.”



Se estiver na dúvida, troque por “pois”; se der certo, é porque é junto. Ou seja: ele estudou pois queria aprender; ela foi ao médico pois estava doente; tirou a nota máxima pois se esforçou.

Vamos agora ao “por que” separado e sem acento. Usa-se geralmente nas perguntas e pode ser trocado por “por que motivo”, ou, “por que razão”, exemplo:

“Por que ele não veio?”

Por que motivo não veio, por que razão não veio?

“Por que não cursou Literatura?”

Por que motivo, por que razão não cursou Literatura?



Por que, separado, também pode imitar “pelo qual”: “O motivo pelo qual está aqui é bem grave”; “O motivo por que está aqui é bastante grave”, então por que pode substituir pelo qual, e será sempre separado e sem acento.

Quanto ao penúltimo “porquê”: junto e com acento: este é simples: porquê junto e com acento é sempre um substantivo, que poderá ser trocado por: motivo, razão, causa. O porque junto e com acento também sempre virá precedido de artigo, então, se tem artigo antes, é porque junto e com acento.

“O porquê disso, ninguém sabe.”

ou seja: **“A razão disso, ninguém sabe; o motivo disso, ninguém sabe; a causa disso, ninguém sabe.”**

Por fim, por quê separado e com acento: será usado quando a expressão estiver isolada ou vier ao fim de uma frase:

“Elas não vêm à festa? Por quê?”

“Ele saiu mais cedo por quê?”

DEMAIS E DE MAIS



Quando usamos demais junto? Usamos demais junto quando esse significa um advérbio; neste caso, será um advérbio de intensidade. Vamos a um exemplo:



“Hoje choveu demais.”

Pergunta: consigo trocar esse demais por muito?

Vejamos: hoje choveu muito. Se funcionar, demais se escreverá junto, porque será um advérbio de intensidade, ou seja, vai modificar o verbo: não choveu pouco, mas choveu demais, isto é, choveu muito, choveu bastante etc.

Um outro emprego do demais junto se dá quando ele tem o sentido de pronome indefinido, e o mesmo se dá com os outros advérbios de intensidade, que também funcionam como pronome indefinido. Nesse caso, terá o sentido de “os outros”, como em:



“Os demais tópicos serão discutidos na próxima segunda-feira.”

Percebam que aqui já não há mais um sentido de intensidade. O “demais” neste caso não está trabalhando mais para um verbo (como em: “Choveu demais”), e, sim, para um substantivo, que é “tópicos”.

Outro ponto interessante é que eu consigo aplicar os exemplos também para as palavras “muito” e “bastante”, que antes também eram advérbios, ou sejam, trabalhavam para o verbo, e que agora podem ser pronomes:

“Os muitos tópicos serão discutidos semana que vem.”

“Os bastantes tópicos serão tratados na próxima semana.”



Aqui também não há intensidade e advérbio, mas pronome indefinido.

Por último, “de mais”, separado: para simplificar, de mais separado é contrário de “de menos”, ou seja, indica quantidade, então basta fazer a inversão para checar se está correto.



“Precisou de **mais** tempo de forno para cozer a carne”
“Precisou de **menos** tempo de fogo para cozer a carne.”



Ah, e uma curiosidade: existe também o termo ademais, que é uma conjunção aditiva que pode ser substituída por “além disso”, “além do que”, “aliás”.

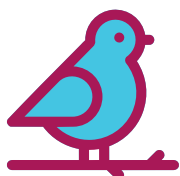
HAVER COMO IMPESSOAL



Vamos tratar de casos em que o verbo “haver” é impessoal, isto é, não tem conjugação. Nesse uso, o verbo haver com o sentido de existir, porque este é um caso em que o mesmo verbo haver não se pessoaliza.



Sempre que eu substituir o verbo haver pelo verbo existir, o verbo haver permanecerá no singular.



“Haviam 3 passarinhos no ninho.”



“Havia” 3 passarinhos no ninho.”



Se fosse o verbo existir, seria: Existiam 3 passarinhos no ninho, e o “três passarinhos” seria o sujeito da frase. Quem existiam? 3 passarinhos. Não o mesmo com o verbo haver, porque com ele três passarinhos não é o sujeito, inexistente um sujeito e, por conta disso, se não há um sujeito para concordar, o haver fica limpinho, na terceira pessoa do singular.

Outro exemplo de haver impessoal é quando ele está no lugar de “ocorreu”. Então não fica:



“Houveram dois acidentes naquele local.”



“Houve dois acidentes naquele local.”



Para darmos o nosso último caso, não vai para o plural o verbo haver quando ele indica tempo decorrido, portanto também não vai ficar:



“Haviam 6 meses que ele tinha se mudado.”

“Havia 6 meses, Havia 5 meses, Havia dois meses que ele tinha se mudado.”



beleza?

TRÁS, TRAZ E ATRÁS



Primeiro: traz, com Z, vem do verbo trazer.

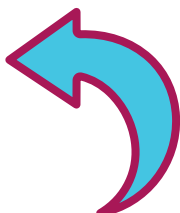
Exemplo:



Traz com Z

“Ele sempre traz boas notícias.”

Segundo: trás, com S, indica posição, mas quase sempre aparece em expressões como:



Trás com S

“Para trás.”

E terceiro: atrás, com A na frente, é advérbio de lugar:



Atrás

“O carro está atrás da casa.”



Dica rápida: se for verbo, é com Z. Se for posição ou movimento, é com S. E se tiver o A na frente, está se referindo de lugar!

Se ele vir ou se ele vier?

Vamos começar como se eu quisesse expressar esta dúvida:

“Os convidados virão mesmo?”

Até aí, está tranquilo, porque conseguimos entender o significado do verbo, ou seja, conseguimos distingui-lo: trata-se de saber se eles, ou seja, os convidados, vão se deslocar à festa da Melissa, vão vir à festa dela. Por enquanto, tudo certo. Mas digamos que agora eu me refira a um convidado, e que eu esteja dizendo para alguém que, quando ele chegar, que vá até ao pátio central dessa mesma festa. Então eu vou dizer, e aqui começa a confusão: se o verbo é vir, ou seja, chegar, locomover-se, devo dizer, assim:

“Quando ele ‘vier’ à festa, que se direcione ao pátio central.”

Mas, você me pergunta: e “se ele vir”? O que significa? Se ele vir, no modo como o verbo está conjugado, não se trata do próprio verbo vir, no infinito, isto é, sem flexão, mas, sim, do verbo “ver”; dizer, portanto, “se ele ver” está errado, porque, nesse caso, se estamos tratando do verbo ver dizemos vir, ou seja:

“Se ele vir a minha apresentação, ficará orgulhoso.”



Jamais **“Se ele ver a minha apresentação, ficará orgulhoso.”**



Já vier, este sim usamos para o verbo no infinitivo “vir”:

“Se ele vier ao sítio...”

“Se ele vier a minha casa...”

“Se ele vier a ser professor...”



Só mais uma coisinha: se estamos no presente (e na terceira pessoa do plural) e queremos dizer que eles veem alguma coisa, no sentido de enxergar, escrevo eles veem com dois “es”; se quero dizer que eles vêm no sentido de “vir a algum lugar”, então se escreva a palavra “vêm” normal, com um e apenas, e com acento circunflexo no mes mo e.

MENOS/MENAS



Preste atenção: a palavra correta é menos, sempre! Ela é invariável, ou seja, não muda com gênero nem com número.



“Menos dinheiro.”



“Menos pessoas.”



“Menos contas.”



“Menos problemas.”



“E por que não menos?”

Porque menos não concorda com o substantivo, é como quase: sempre igual, independentemente de masculino, feminino, singular ou plural.



Então, lembre-se: se tiver dúvida, lembre — menos é menos dor de cabeça. Nunca vira menos!



Você já reparou que a gente fala duzentos gramas... mesmo que grama seja feminino?

Então, por que não falamos duzentas?

O segredo tá no significado! Quando a gente fala grama como medida de peso, ela é masculina, já que grama é uma simplificação de quilograma. É como se fosse dizer o grama. Então, “duzentos gramas” está certíssimo!



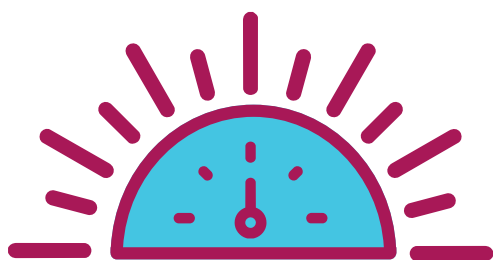
Já quando grama é aquela verdinha do jardim, aí sim é feminino: a grama do campo tá linda hoje.

Sendo assim, da próxima vez que pedir duzentos gramas no açougue, pode falar sem medo... e sem corrigir o açougueiro!

MEIO DIA E MEIO/MEIA



Escrevemos meio-dia e meia ou meio dia e meio? Para resolver essa questão - juntamente com toda a sua insegurança que dela possa advir -, basta que entendamos a que esse “meio” se refere.



Por exemplo: nós sabemos que é “meio” dia - não meia dia.



Por quê?

Porque “meio” concorda com “dia”, que é uma palavra masculina - não dizemos “a dia”, e sim “o dia”., portanto, “meio dia”.

Ah, você me pergunta, interessante; e o outro “meio”? Também tem que concordar? Sim. Por isso é que a resposta é meio dia e “meia”, porque, se meio concorda com a palavra dia, ficando “meio dia”, “meia” concorda com a palavra “hora”, palavra que fica subentendida atrás do “meia”.



Então, para se lembrar: sempre que pensar no meio dia, lembre-se de que há outra palavrinha que se esconde debaixo de “meia”, isto é, hora. “Que horas são?” “É meio dia e meia hora”.

USO DO PARTICÍPIO PEGUEI E PEGADO



Há uma grande confusão diária que, hora ou outra, vem assombrar o nosso português no dia a dia. O problema a que me refiro é sobre o uso dos participípios. É comum, em certos momentos, observarmos dificuldade geral em relação a eles quando são dois os usos possíveis, como acontece com o verbo pegar: que tem seu participípio tanto “pego” quanto “pegado”. Mas como usar cada um desses participípios?



Quando há a ocorrência de verbo abundante, ou seja, que possui dois participípios, o regular e o irregular, nós usamos ter e haver para a forma no regular e ser e estar para a forma no irregular.

Exemplos:

Verbos ter e haver:

“Os pais tinham pegado os filhos na escola mais cedo.”

Ou: **“Os pais haviam pegado os filhos na escola mais cedo.”**

Verbos ser e estar: aqui, nós usamos “pego”, forma irregular. Por exemplo:

“Foi pego dormindo no acampamento.”

Ou, no pega-pega, a criança diz: **“Calma, pô! Já estou pego.”**

Ter e haver

Usamos pegado

Ser e estar

Usamos pego



A regra também vale para os outros participípios duplos: “Ele havia imprimido o documento”; “O documento”, entretanto, “foi impresso por Henrique.”



Vamos tratar de um assunto importante do nosso português, que são os pronomes. Mais especificamente: quando usar “Eu” e quando usar “mim”?

“Eu”, é SUJEITO.

Sempre que se lembrar de sujeito, lembre-se de que sujeito é aquele que age.

O “mim” funciona do modo contrário:

Se o “Eu” se refere àquele que age, o “mim” se refere ao que sofre a ação do verbo.

Exemplo:

“Eu entreguei um presente.”

Aqui, o sujeito Eu executa a ação do verbo.

“O presente foi entregue a mim.”

Aqui, o mim não executou a ação do verbo, senão foi ele mesmo que recebeu a ação do verbo, “entregar”: “O presente foi entregue a mim”.

AO ENCONTRO DE / DE ENCONTRO A



A encontro de, ou de encontro a?
Ao encontro de e ao encontro a têm
a função de locuções prepositivas.



O que é uma locução prepositiva?

Simple: duas ou mais palavras que
significam, juntas, uma preposição.

Vamos tratar da primeira: “A encontro de”. O que isso significa? Nada mais que ir em direção a alguma coisa. “A encontro de” tem a ideia de aproximação, união ou semelhança.

“A mocinha apaixonada foi ao encontro do namorado.”, certinho até então?

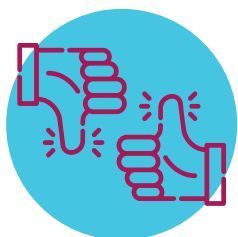
Agora “de encontro a” expressa justamente o oposto da locução prepositiva que nós já vimos aqui. Significa confronto, oposição, contradição. O exato oposto.

“O mocinho, transtornado, foi de encontro à namorada.”

MAU OU MAL?



Mau ou mal? Mal com l ou mau com u? Embora possa parecer uma questão bastante simples, não é raro se encontrar, às vezes até mesmo em texto de cunho formal, esse errinho, pequeno mas não extinto, do mal com l ou mau com u. Vamos extingui-lo?



Não precisa mais esquecer: Mau com u se troca por bom. Se ele foi um bom aluno, o contrário para isso é mau com u; bom aluno, mau aluno, com “u”. E mal com “l”?

Lembre-se: mal com l é um estado.

“Boa tarde, como você está hoje?”

“Estou mal, pois cheguei atrasado.”



Esse mal se escreve com “l”, porque é o estado dela, ou seja, o modo como ela está. Outra forma de provar que é mal com l é que, para ser mal com l, você sempre conseguirá fazer a troca pelo advérbio “bem”, ou seja: como você está hoje? Estou bem, porque cheguei ao trabalho no horário.



Mal com l vira bem e, mau com u, vira bom.

INTERVEIO OU INTERVIU?



É interveio ou interviu?

O verbo no infinitivo é intervir, que deriva de vir. Então, se você diz que **ele veio**, da mesma forma, você pode dizer que **ele interveio**.



E interviu?

Essa forma não existe! É só um erro comum, talvez por influência de ouviu ou viu.



Lembre-se sempre: quem veio, também interveio. Deu para entender?



QUER SABER MAIS DICAS DE LÍNGUA PORTUGUESA?

Nós, do Grupo de Estudos de Língua Portuguesa (GELP), estamos à disposição para perguntas, discussões, fabulações... Se você sente que isso fez sentido para você, de algum modo, e quiser ser inserido da melhor forma à linguagem, à escrita ou à literatura, entre em contato conosco pelo site da UNITAU, e procure a aba “GELP”. Será um prazer orientá-lo e recebê-lo.





Precisando de uma
mãozinha com a
leitura e a escrita?

Preencha o formulário
& agende um horário!



unitau.me/gelp



gelp@unitau.br

GELP
Grupo de Estudos em
Língua Portuguesa

